

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Considerações teórico-metodológicas acerca do estudo da história operária.**

Juçara da Silva Barbosa de Mello\*

**Resumo:** Já faz algum tempo que a história operária deixou de ser unicamente a história do movimento operário organizado. O foco foi desviado para as experiências vividas por trabalhadores “comuns”. Os recentes estudos acerca da memória possibilitaram o acesso a toda complexidade que envolve os comportamentos e ações desses grupos “silenciados”, nos permitindo detectar a possibilidade de uma análise da história operária a partir de uma perspectiva de classe focada no movimento e na agência, descartando suas concepções rígidas e estáticas, voltando a atenção para o processo de formação da classe no qual se podem observar a presença simultânea de identidades de classe e identidades locais. Podendo estas, coexistir e em diversos momentos fundir-se e combinar-se.

**Palavras-chave:** Classe – cultura - memória.

**Abstract:** It's already been some time that the working history left solely of being the history of organized working-class movement. The focus was diverted for the experiences lived for “common” workers. The recent studies about memory made possible the access of all complexity that involves the behaviors and actions of these “silenced” groups, which permitting us to detect the possibility of an analysis of working history from a perspective of class focused in the movement and in the agency, discarded their hard and static conceptions, coming back the attention to the process of formation of class that can observe the simultaneous presence of identities of class and locals. Being able these, to coexist and in several moments to merge and to combine.

**Keywords:** Class-culture-memory

No decorrer da década de 60, a tradição sociológica preocupava-se com a produção de grandes sínteses explicativas sobre o movimento operário. Estas serviram para introduzir e cristalizar explicações “mitificadas” sobre as condições de vida e trabalho do operariado. (BATALHA, 1998:148-149).

Análises sociológicas do movimento operário no Brasil passaram a pintar em grandes traços as características que seriam consideradas como sendo as da classe operária pós-1930. Entre elas estavam: a ausência de padrões de ação coletiva, de tradições e crenças de classe (BATALHA, 1998:149). Nessa perspectiva a classe operária foi vista como uma categoria estática e indiferenciada, de tal forma que negligenciava-se o processo no qual se davam as relações entre os indivíduos e destes com o decurso do tempo, ou seja, as grandes

---

\* Mestranda no programa de pós-graduação em História Social do Território / Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

sínteses sociológicas desconsideraram o constante “fazer-se” da classe operária<sup>1</sup>(HOBSBAWM, 2000: 279).

Questionamentos e indagações contribuíram para o surgimento de abordagens voltadas para a inserção de uma dimensão humana na análise. Assim, há algum tempo que o estudo da história operária no Brasil deixou de ser um campo exclusivo da sociologia e, em certa medida, da ciência política.<sup>2</sup> Uma tendência maior de aproximação com a antropologia resultou na mudança do foco. O estudo dos modos de constituição, do funcionamento e da relação entre as classes e grupos sociais foi sendo enriquecido com uma ênfase nas questões que implicavam na elaboração e reelaboração das identidades sociais desses trabalhadores.

Sendo assim, a tendência mais recente da historiografia que trata da história operária passou a concentrar-se em torno de abordagens cujos objetos desviam ou afastam do centro da análise as relações de produção, sem, contudo, desconsiderá-las. Estudos empíricos em âmbito local, de grupos específicos de trabalhadores revelam que as necessidades materiais de existência dos operários agravadas por uma certa “insegurança estrutural” resultaram no engendramento de redes comunitárias, de laços de solidariedade responsáveis pela formação de identidades locais (BATALHA; SILVA; FORTES, 2004), evidenciando a participação ativa dos operários ao se apropriarem da cultura dita dominante, atribuindo a mesma, significações e re-significações diversas, descartando a idéia de uma padronização através de estratégias de disciplinarização (FOUCAULT, 1977).

A idéia de uma “classe operária” desprovida de tradições e ações organizadas se desenvolveu a partir de uma abordagem com ênfase no consenso, motivada pela ação de uma política trabalhista, que estimulava a utilização de estratégias do patronato ao lidar com a mão de obra fabril, aliando medidas de racionalização do trabalho com uma “visão tradicional” do trabalhador. Nessa perspectiva, foi concebida uma classe operária homogênea e unívoca, incapaz de qualquer resistência ou negociação ao que lhe é posto, ou seja, uma classe operária considerada praticamente uma “vítima passiva” do paternalismo da “classe dominante”.

Contudo, a partir de uma mudança na escala de análise surgiram resultados que vieram a dar significados totalmente novos a fenômenos antes observados em escalas maiores (REVEL, 1998). Com a observação e análise dos pequenos territórios da vida cotidiana, a tese

---

<sup>1</sup> A expressão fazer-se da classe operária não pretende sugerir, segundo Hobsbawm, que “a formação desta ou de qualquer outra classe seja um processo com início, meio e fim (...) As classes nunca estão prontas no sentido de acabadas, ou de terem adquirido sua feição definitiva”.

<sup>2</sup> Hobsbawm justifica a utilização da expressão: história operária, em vez de história do movimento operário. Esta última seria limitada ao estudo de segmentos organizados dessa classe. Desse modo, a perspectiva do autor é a mesma da qual me utilizo, pois refiro-me a uma história da classe operária que leve em conta todos os seus aspectos.

de uma classe operária homogênea e indiferenciada não se sustenta, uma vez que esta ignora a existência dos processos nos quais se evidenciaram as múltiplas e diferenciadas formas de apropriação e a circulação de valores, de onde resultou uma variedade de nuances em torno da história operária. Ao voltarmos a atenção para as “formas” e os “motivos”, surgem possibilidades de “decifrar” as representações do mundo social por meio das quais os operários forjaram suas próprias idéias, crenças e visões de mundo (BOSI, 1994:46-47).<sup>3</sup>

Na década de 80 do século XX, alguns historiadores desenvolveram o conceito de micro história, através do qual, passaram a destacar estudos de histórias particulares de indivíduos, vilarejos ou grupos específicos com o intuito de obter uma descrição mais realista do comportamento humano (LEVI, 1992:134). Esta perspectiva de estudo enfoca o processo de elaboração e reelaboração das identidades individuais e coletivas, melhor observadas no campo específico da História Oral, por meio da qual é possível uma análise onde torna-se evidente uma interseção entre fatos e representações (PORTELLI, 2006:111). Consideramos, pois, que essas estratégias sejam decisivas para a compreensão das formas e dos motivos que condicionaram as percepções do universo social dos trabalhadores, considerando os mais diversos contextos e situações nos quais a realidade social foi construída, pensada, dada a ler pelo grupo social que a produziu (CHARTIER, 1998).

As percepções do mundo social, segundo Roger Chartier, não são de forma alguma discursos neutros. Sendo assim, concebemos que diante de condicionantes estruturais demarcadores do espaço de liberdade do indivíduo, são feitas acomodações ou adaptações das práticas discursivas sempre em favor dos interesses do grupo que as forjam. No entanto, a percepção de que estas ações são motivadas por interesses não significa que este movimento aconteça de forma consciente e arbitrária. Este processo dinâmico se constitui a partir do resultado de uma negociação conflitiva envolvendo outros indivíduos e grupos numa relação de concorrências e competições, cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação (VELHO, 1988). Cada grupo, ou indivíduo são portadores de uma combinação de vivências que lhes tornam únicos. As múltiplas apropriações da realidade social provocam uma diversidade de reações, que nem sempre são percebidas por nossos sentidos mais imediatos.

Carlo Ginzburg, no famoso clássico “O Queijo e os Vermes”, destaca a singularidade do comportamento do personagem central de sua obra, relatando ser ele aos

---

<sup>3</sup>Ecléa Bosi apresenta uma análise das observações de Henri Bergson a respeito do estudo da psicologia da memória, nas quais o autor apresenta a noção de que “a memória permite a relação do presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações”. Significa dizer que os dados imediatos misturam-se a milhares de pormenores de nossa experiência passada, levando-nos a crer que não existe uma percepção pura do presente.

olhos de seus conterrâneos, ao menos em parte, diferente dos outros. Entretanto, logo a seguir faz a seguinte observação:

*Mas essa singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes, uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um (GINZBURG, 2006:20).*

Nesse sentido, acreditamos no entendimento da história operária a partir de abordagens que valorizam a pluralidade de situações que caracterizam os diversos níveis da realidade social. As explicações polarizantes, ao enfatizarem determinados aspectos tendem a negligenciar outros, gerando resultados deformadores, uma vez que ignoram a complexidade da totalidade da realidade social.

As obras de Edward Thompson e Eric Hobsbawm: *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1987) e *Mundos do Trabalho* (1981; 1987) respectivamente, tiveram grande influência sobre os historiadores brasileiros interessados no estudo da cultura da classe operária. Numa perspectiva marxista, associaram as instituições operárias ao contexto do processo de trabalho. Entretanto, esse esforço de associação acabou por gerar o próprio enfraquecimento do conceito de classe entendido como um todo unificado (SAVAGE, 2004:30). Ao fazer a conexão entre tradições, ritos, cotidiano dos trabalhadores com resistência social e luta de classes, Thompson abre espaço para o entendimento mais amplo e cultural da vida operária, permitindo perceber que a cultura operária não pode ser vista como um todo unificado e indiferenciado, ou seja, a valorização da análise do comportamento de famílias e comunidades no contexto específico do processo de industrialização trouxe a tona à percepção da diversidade no interior desses grupos.

Thompson se afasta do modelo tradicional marxista, especialmente, no que refere-se a concepção de que a classe operária seria incapaz de formar identidade, por estar inteiramente submetida à determinação econômica. Para o autor, o econômico deve ser levado em conta, mas não pode ser pensado independente das normas e estruturas cognitivas. É preciso, portanto, estarmos atentos aos simbolismos presentes em atitudes e gestos traduzidos pela representação dos atores históricos individuais e coletivos. É nesse sentido que ocorre um impasse entre a evidência da diversidade entre os trabalhadores, observada através de uma abordagem mais “culturalista” e a relevância de uma noção de classe social mais generalizante. A primeira possui como características a valorização das questões relacionadas ao gênero, as categorias profissionais, as hierarquias no ambiente de trabalho e também fora dele, tendo como referências centrais para a análise, o tempo e o espaço dos acontecimentos.

Enquanto a segunda pressupõe a noção de uma classe social mais generalizante, e em consequência, inevitavelmente reducionista. Um olhar apressado pode concluir equivocadamente que uma abordagem tende a excluir a outra.

Entretanto, ao olharmos mais atentamente, como fez Mike Savage, podemos observar assim como o autor, que a insegurança estrutural inerente à vida dos trabalhadores favoreceu a formação de vínculos comunitários responsáveis pela formação de identidades locais que, no entanto, não excluem a formação de identidades de classe. Nas palavras do autor: “a formação de uma classe é um processo espacial, em que identidades locais e identidades de classe se podem fundir e combinar”.

Sendo assim, queremos enfatizar que ao mesmo tempo em que pensamos o local como espaço de proporções adequadas a uma análise mais ampla e complexa da história operária, também admitimos que os lugares não são fragmentos desconexos, suspensos no ar. Devemos levar em conta a inter-relação entre os espaços. Esta pode ocorrer em maior, ou menor medida considerando a tensão entre os níveis da realidade. Dito de outra forma significa admitir a tensão constante e ativa entre estruturas e práticas culturais e sociais. Ignorar a existência dessa fluidez espacial é correr o risco de cair em um outro extremo, que entende a contingência e a experiência como absoluto, no qual todas as explicações possíveis estão contidas.

É nesse sentido que a valorização do espaço e lugar na análise dos processos de mudanças históricas fundamenta a utilização do conceito de classe com mais propriedade e complexidade, na medida em que permite pensar a conexão entre estruturas de classe e constituição demográfica e espacial da classe. A partir da conexão entre esses dois elementos, percebemos simultaneidades observadas em situações sócio-culturais reveladoras de diferenciações que sugerem divisão, ao mesmo tempo em que apresentam elementos compartilhados (KIRK, 2004:53). Concentrando o foco da análise neste último, podemos apreender as complexas e variadas estratégias das quais os trabalhadores se utilizaram para a composição da dinâmica social que concretamente vivenciaram. Esta é uma abordagem que além de se contrapor à noção de uma classe operária isenta de tradições e crenças de classe, também desafia claramente aquelas em que se acentua a ação disciplinar dentro e fora dos muros das fábricas, “produzindo” o cotidiano dos trabalhadores.

Partindo do pressuposto de que nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado a ponto de não permitir negociações (LEVI, 2006:179-180), podemos refletir sobre a dimensão e a profundidade da agência dos trabalhadores no processo de formação de sua classe. Certamente, levando em conta as limitações e os constrangimentos sofridos,

conscientemente ou não, no momento em que deliberam sobre diversos aspectos de seu cotidiano no qual estão envolvidas, além do espaço de trabalho e da arena política, as relações familiares, as unidades domésticas, os espaços de sociabilidade e lazer, enfim todo um conjunto de elementos que compõe a realidade social dos trabalhadores.

Sendo assim, acreditamos na possibilidade de uma abordagem que, ao analisar a história operária a partir de uma perspectiva de classe não o faz sob formas rígidas e estáticas, mas entende que uma classe nunca se apresenta de maneira pronta e acabada. O objeto de atenção deve ser sempre o processo de formação da classe, que de forma alguma ocorre a partir de um esquema único de ações e reações. Deve-se, portanto, levar em conta a diversidade dos contextos que compõem os cenários nos quais atuam atores históricos, movidos tanto por necessidades objetivas quanto por suas subjetividades.

Uma grande diversidade de “apresentações” descrevendo as condições de vida e de trabalho presentes na formação do operariado fabril vem abrindo espaços no meio acadêmico para novas abordagens e questões. Muitas destas questões tornadas possíveis a partir dos estudos sobre a memória social que, por sua vez, vem cada vez mais possibilitando diferentes olhares acerca das ações ligadas ao homem em sociedade, de suas ações e representações (BOSI, 1994).<sup>4</sup>

Os estudos acerca da memória empreendidos por outros campos das ciências sociais têm se mostrado profícuo na análise de temas e questões intrínsecos ao debate que gira em torno da dimensão das generalidades e singularidades que caracterizam a memória dos trabalhadores, e de seu respectivo processo de construção em nosso país, especialmente no Rio de Janeiro no período que se inicia a partir das primeiras décadas do século XX.

Assim, balizados por estudos empíricos de grupos específicos, apostamos na concepção da classe operária em seu sentido mais amplo, ou seja, não somente focando a análise no movimento operário mais institucionalizado, mas abrangendo a vida cotidiana desses trabalhadores em seus pequenos territórios. Nesse sentido, torna-se imprescindível uma história que privilegia o estudo do particular como forma de melhor compreender as complexidades do processo histórico, numa escala que possibilite a compreensão do conflito presente em atitudes e comportamentos aparentemente insignificantes, mas que tendem a mostrar-se extremamente abrangentes em seus efeitos.

Nesse sentido, consideramos a presença de uma tensão permanente entre as dimensões subjetiva e objetiva em uma pesquisa, e entre os aspectos que envolvem as

---

<sup>4</sup> Na introdução de sua obra, Ecléa Bosí apresenta um estudo a respeito das funções da memória, onde demonstra com base nos estudos realizados por Henri Bérghson, como são constituídas nossas ações e representações do mundo social.

memórias individuais e coletivas. Jacques Le Goff argumenta que a objetividade na história não é a pura submissão aos fatos. Ela é construída por meio de constantes revisões e acumulações de verdades parciais. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje (...)” (LE GOFF, 1990:476).

Uma das maneiras encontradas pelo patronato de garantir a lealdade de seus operários foi o investimento em formas de lazer, que entre outras finalidades, possuía a de racionalizar e padronizar o tempo do operário mesmo fora do ambiente de trabalho. As principais estratégias dos empresários foram em investimentos na criação de clubes de futebol, blocos carnavalescos e bandas de música.

Esta vinculação às estratégias de controle do patronato que comumente são postas como evidência da impossibilidade de uma identidade de classe no meio operário, por significar alienação e passividade, pode vir a adquirir novos contornos. A partir das evidências orais, tornou-se possível perceber que “muitos dos trabalhadores implicados no usufruto do lazer (...) estavam ativamente engajados com a meta de uma sociedade mais justa na qual receberiam o ‘reconhecimento’ e a ‘recompensa’ devidos” (KIRK, 2004:67).

Muito embora grande parte das manifestações de resistência e inconformismo presentes nas falas de ex-operários apresente-se como reflexos de preocupações específicas ligadas a questões locais e cotidianas, estas faziam parte do processo de formação da classe caracterizado, segundo Hobsbawm, por dois níveis de aspirações, traduzidas por exigências mais imediatas ligadas ao cotidiano, e mais gerais que fazem referência ao “tipo de sociedade que lhe convém”.

### **Referências bibliográficas:**

- BATALHA, Cláudio H.M. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
- BOSI, Ecléa. Memória-Sonho e Memória-Trabalho. In: **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KIRK, Neville. Cultura: costume, comercialização e classe. In: BATALHA, Cláudio H.M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. **Culturas de Classe: Identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: Peter Burke (org.). **A escrita da história: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

PHILIPPE, Joutard. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8ª edição, 2006.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civittella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8ª edição, 2006.

REVEL, Jacques. Microanálise e Construção Social. In: Jacques Revel (org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

SAVAGE, Mike. Classe e História do Trabalho. In: BATALHA, Cláudio H.M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. **Culturas de Classe: Identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

THOMPSON, Edward P. História e antropologia. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_ **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.